

## MUNDIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Marcos Aurelio SAQUET\*

Para nós, é bastante complexo abordar a *mundialização, globalização e estruturação geopolítica*, tanto por seus nexos internos, mais específicos, quanto por seus aspectos mais gerais, ou seja, aspectos que envolvem o movimento contraditório de expansão e re-produção do capitalismo como modo produtivo. Assim sendo, organizamos nosso texto em dois momentos, que expressam um pouco do que julgamos relevante. No primeiro, descrevemos alguns aspectos históricos; e no segundo, considerações teóricas sobre a mundialização do capital, com base nos escritos de Georges Benko e Milton Santos.

O primeiro momento do processo de mundialização dá-se com as grandes navegações, e o achamento da América, no final do século XV. Ela é aprofundada posteriormente com o Pacto Colonial e com o aumento da produção a partir da revolução industrial. Aqui é importante destacar que, para nós, a revolução industrial foi resultado das inovações técnicas da época (século XVIII), e, simultaneamente, da evolução do capitalismo.

Outro momento importante se efetiva no final do século XIX e início do XX, através dos investimentos de países europeus (Holanda, França, Alemanha e Grã-Bretanha) no mundo, e, a partir dos investimentos do Estados Unidos, sobretudo, depois da Segunda Guerra Mundial. O capitalismo monopolista tem um papel central no processo de mundialização do capital.

Porém, ao mesmo tempo em que se acelera a mundialização econômica, dá-se a formação dos chamados blocos econômicos. Um primeiro passo para isso, aconteceu em 1957 com o Tratado de Roma, e concomitante criação do Mercado Comum Europeu. Em 1991 acontece a dissolução da URSS, e posterior formação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Neste mesmo ano, com o Tratado de Assunção, cria-se o MERCOSUL. Na América do Norte é formado o NAFTA, que incorpora o México a partir de 1994. A queda do muro de Berlim em 1989 e a reunificação alemã também foram marcos decisivos no processo de reestruturação econômica e política a nível mundial.

Não podemos esquecer ainda, no que diz respeito aos aspectos históricos que estamos descrevendo, da criação do FMI e do BIRD em 1944, agentes da internacionalização do capital; e, do processo de recuperação e fortalecimento da economia japonesa, e do crescimento dos chamados Tigres Asiáticos, sobretudo, a partir da década de 70.

Aquele mundo "*bipolar*" da guerra fria (1947-1989), caracterizado por grandes investimentos armamentistas e em pesquisas espaciais, e pelas disputas entre *capitalistas* e *comunistas*, é agora pelo menos "*tripolar*", como apontam vários autores: EUA, EUROPA, JAPÃO. Esta estruturação geopolítica, ou *nova ordem mundial*, está, para nós, intimamente ligada ao movimento de re-produção do capital. Parece-nos que os referidos "*blocos*" têm um traço em comum: circulação de mercadorias (temos na força de trabalho, conforme Marx, também uma mercadoria) e fortalecimento enquanto economias regionais diante do mercado internacional.

\* Doutorando. Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - UNESP - 19060/900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

Para Benko, em *Organização econômica do Território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX* (in: *Território Globalização e Fragmentação*), ou em *Economia, Espaço e Globalização*, as regiões estão cada vez mais dependentes umas das outras em decorrência das especializações na Divisão Internacional do Trabalho. Aqui é importante lembrar da obra de Alain Lipietz, *O capital e seu espaço*. Para este autor, as regiões resultam da articulação dos modos de produção, sob a hegemonia de um deles.

Mas, retornemos aos trabalhos anteriormente citados de Georges Benko. Este autor nos afirma que, com a mundialização, aumenta a circulação de mercadorias intra e extra blocos. Ele também indica algumas características essenciais da mundialização/globalização, dentre as quais destacamos a inadequação do quadro regulamentar e institucional, e a unificação do mercado; e, três momentos do processo (de mundialização):

- 1) Internacionalização do capital, ligada às exportações;
- 2) Transnacionalização, ligada aos investimentos no estrangeiro;
- 3) Globalização.

Ou seja, na mundialização do capital, dá-se a globalização. Globalização do consumo (ideologia do consumo), o que é também uma questão cultural. Há uma certa padronização do gosto, pelo consumo, de mercadorias. Mercadorias que incorporam trabalho não pago, e portanto, são vitais à re-produção ampliada do capital. Globalização: fluxos globais de mercadorias, capitais e informações, sendo que, os devidos cuidados devem ser tomados na sua abordagem, porque, parece-nos, ainda estamos longe de uma unificação global do mercado.

Antes de comentarmos um pouco um artigo de Milton Santos, ainda lembramos novamente a obra de Benko, *Economia, Espaço e Globalização*. Destacamos para nosso texto, aquilo que denomina de dimensões do mundial. São elas: aceleração do movimento do capital; maior concorrência entre empresas ou blocos; globalização do comércio; e o papel decidido do Estado Nacional; todas articuladas entre si.

Milton Santos, em *A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo* (in: *O novo mapa do mundo – Fim de século e Globalização*), enfatiza a evolução técnico-científica ocorrida nas últimas décadas. Segundo Milton Santos, estas inovações consubstanciam a base tecnológica para a globalização. A circulação<sup>1</sup> de mercadorias e informações é acelerada, aproximando lugares e diminuindo o tempo. Existe agora, via Internet, por exemplo, uma simultaneidade entre lugares, setores e pessoas, o que é uma característica do momento histórico atual. Para Milton Santos, não há um tempo mundial, nem um espaço mundial: quem se globaliza são os lugares e as pessoas. Todos os lugares e os tempos são mundiais. Porém, nem todos se globalizam. As contradições e desigualdades, inerentes ao desenvolvimento do capitalismo como modo produtivo, não desaparecem. Poucos se tornam ricos ou enriquecem mais. Muitos empobrecem. Os conflitos não desaparecem, e, como nos diz Henri Lefebvre em *A vida cotidiana no mundo moderno*, a satisfação e a insatisfação andam lado a lado, os conflitos podem não aparecer, mas estão aí, e devem ser mostrados e interpretados.

Enfim, pensamos que para compreender o processo de mundialização e globalização, e a estruturação geopolítica, é necessário apreender as contradições e desigualdades do desenvolvimento do Modo de Produção Capitalista. O que mostramos aqui, foram apenas alguns aspectos desse movimento, como já referimos no início desse

<sup>1</sup> Sobre a relação circulação/comunicação, Claude Raffestin apresenta-nos uma leitura interessante em *Por uma Geografia do Poder*.

texto. Para tanto, acreditamos no materialismo histórico e dialético como método de interpretação dos processos sociais no espaço, ou, do processo de territorialização das forças e relações produtivas interconectadas, porque o que nos aparece do território, ou dos territórios, em um dado momento, é apenas um momento do processo de apropriação e construção social do espaço geográfico (ou do território). Espaço geográfico aqui entendido como resultado da dinâmica sócio-espacial; resultado e condição da re-produção da sociedade capitalista, como nos afirma Henri Lefebvre. Dinâmica sócio-espacial mediada pelo processo produtivo, que é substantivado pelo trabalho (trabalho alienado como Marx nos mostra nos *Manuscritos de 1844*), no processo de valorização do capital, tanto no nível internacional como local. Aliás, todo processo de formação do território brasileiro, desde o achamento, passando pela "Independência", colonização por alemães, italianos, industrialização, pelo cultivo da soja, etc., se dá dentro do movimento geral de re-produção do Modo de Produção Capitalista. Nossa vida diária é resultado desse movimento e de seus aspectos culturais. Somos o que o mundo é. E o mundo é o que nós somos.

Para apreendermos as contradições e as reciprocidades de nossa vida cotidiana, nas interações entre o particular e o universal, parece-nos que o desafio está no estudo, nas leituras e pesquisas, desde aquela dos filósofos mais antigos, passando por Engels e Marx, e estudiosos como Lefebvre, David Harvey, Alain Lipietz, Georges Benko, Milton Santos, etc. Sem esquecer, é claro, de nossas atividades diárias.